

MANIFESTO DA REVISTA MOTRIVIVÊNCIA

“SOLO LE PIDO A DIOS”:

cessar-fogo imediato no genocídio em Gaza! Somos todos Palestinos¹

[...] *Solo le pido a Dios*
Que la guerra no me sea indiferente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
*Toda la pobre inocencia de la gente*²

Os versos da epígrafe deste Manifesto da Comissão Editorial da Motrivivência contêm metáforas que nos levam à reflexão desesperada e militante acerca do genocídio brutal praticado por Israel contra os palestinos da Faixa de Gaza, entre os quais, predominantemente, crianças, jovens, velhos e deficientes, perpetrado por ataques com artilharia pesada e moderna (balas, explosões em residências de civis inocentes, hospitais, escolas e outras instituições palestinas). Por isso, lutemos no mundo todo para que *essa guerra não nos seja indiferente*. Nessa súplica a Deus, há o reconhecimento do poderio bélico de Israel, um *monstro grande, que pisa forte* sobre as cabeças da gente palestina, ávida por paz, direitos humanos, território, terra, respeito, justiça, trabalho e vida digna.

A seguir, os versos de autoria de Pedro Tierra explicitam a saga do povo palestino, que, historicamente, vem sendo esmagado como uma barata, vítima do *pacto narcísico* ou da *branquitude*,³ tacitamente celebrado pelo governo israelense, de filiação política à extrema direita fascista, xenofóbico e racista (capitalismo racial), mancomunado com os Estados Unidos em uma aliança bélica imposta pela chamada necropolítica ou, melhor dizendo, pela política necrocapitalista. Os versos de Tierra dão a nós, leitores e editores, as diversas dimensões dessa problemática, que afeta a paz e a justiça em todo o mundo, do ponto de vista ético, estético, político, pedagógico e humanitário:

¹ FAYAD, Yasser Jamil. **Nosso verbo é lutar**: somos todos palestinos. Florianópolis: Open Brasil, 2015.

² Trecho da música *Solo le pido a Dios*, de autoria de León Grieco, mundialmente conhecida pela voz de “La Negra”, Mercedes Sosa.

³ BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

30 mil mortos.
Essa informação cabe num verso? Metade dos mortos nessa guerra são crianças.
Com que material será escrita a poesia desse tempo?

Gaza:
70% dos corpos identificados são mulheres.
Contando as grávidas.
Move-se uma guerra contra o ventre
das mulheres palestinas.
Elas não podem continuar nascendo...
Elas não podem continuar nascendo...
Elas não podem continuar nascendo
em Gaza.
Elas não podem continuar nascendo
em Ramallah.
Eles (os palestinos) não podem continuar nascendo.
Oitenta e quatro anos depois de Auschwitz, move-se diante dos meus olhos de espanto
uma guerra de extermínio
contra mulheres e crianças.
Move-se diante dos meus olhos gastos
pela contemplação dolorosa da saga
em busca da ressurreição possível
uma guerra contra mulheres e crianças
sobre as areias de Gaza.
*“Em Ramá se ouviu uma voz,
muito choro e gemido.
É Raquel que chora
os filhos assassinados
e não quer ser consolada
porque os perdeu para sempre”* (Mt. 12,18).
(Não serei a voz, desde o conforto da sombra
que me abriga, nesse ocaso da vida, que direi aos escravos enfurecidos
como sacudir dos ombros
a opressão que os esmaga.)
Acender a memória
da explosão do Hotel King David,
22 de julho de 1946 às 12:37. Jerusalém foi sacudida:
91 mortos. 45 feridos.
Que nome dar a esse ato? Perguntem a Menachem Beguin.
Hoje, é preciso desenterrar
os deslocados para lugar nenhum.
Os que já não podem retornar
dos escombros, das areias, das cinzas, do vento que sopra
sobre a memória de Gaza.
Por onde andarás Islam Hamed?
É preciso reacender sobre sua ausência
a luz do sol bombardeada
na tarde de ontem.
E perguntar ao coração das bombas: que destino aguarda um milhão e meio
de palestinos acantonados em Rafah?
Escombros nas ruas.
Escombros de corpos.
Escombros nas almas.
*“Ficou muito irado e mandou massacrar,
em Belém e nos seus arredores,
todos os meninos de dois anos para baixo,
conforme o tempo exato
que havia indagado aos Magos”*(Mt,12-16).

Não há luz no Hospital Al-Shifa
que permita fazer uma sutura
nos corpos destroçados
pelos bombardeios.
Uma sutura no corpo da Palestina:
haverá uma geração de mutilados
condenados a mirar sem ternura
na dor aguda dessa perna que falta,
na pele que já não protege
a carne exposta,
as digitais de Benjamin Netanyahu.
Recolho o espanto e me afasto
enquanto ouço a voz rouca
que emerge do Sul e parte em pedaços
os espelhos cegos da indiferença do mundo ...⁴

A realidade da vida cotidiana dos palestinos⁵ é o que se chama *Nakba*, que em árabe significa “catástrofe” ou “desastre”. Conforme os estudos da professora e pesquisadora Arlene Clemesha,⁶ a tragédia desse povo reside no fato de ser prisioneiro em seu próprio território. Como destaca a autora, *nenhum povo quer ter que olhar para trás e reconhecer os horrores de sua própria história*. Ela aponta que um dos fatores que obstam a autodeterminação dos palestinos é a constante ameaça de assalto aos seus territórios, desde a Cisjordânia até a Faixa de Gaza. O conflito entre palestinos e israelenses teve início com a criação do Estado de Israel, que, para os palestinos, foi a Nakba. Por isso, para compreender a guerra travada na região, é preciso entender que esse episódio segue vivo na memória de todo palestino refugiado após a criação de Israel.

Na verdade, o conflito diz respeito ao êxodo palestino de 1948, ocasião em que pelo menos 711 mil árabes palestinos, de acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), fugiram ou foram expulsos de seus lares, em razão da guerra civil de 1947-1948 e da Guerra Árabe-Israelense de 1948.⁷ Isso tem a ver com a política deliberada de remoção e deslocamento de populações civis de seus territórios, posta em prática por meio da violência e do terror por parte das forças armadas israelenses e dos colonos (considerado o “segundo Exército” de Israel), a fim de viabilizar a ocupação por seus perpetradores. Esses procedimentos pretendem camuflar a ideia de genocídio enquanto ação deliberada para eliminar grupos étnico-raciais, nacionais ou religiosos.⁸

⁴ TIERRA, Pedro. Gaza (Ou: eles não podem continuar nascendo). **Fundação Perseu Abramo**, São Paulo, 27 fev. 2024. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2024/02/27/gaza-ou-eles-nao-podem-continuar-nascendo/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

⁵ CLEMESHA, Alene. Al Nakba, uma tragédia sem fim. **Blog Boitempo**, [S. l.], 7 dez. 2023. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2023/12/07/al-nakba-uma-tragedia-sem-fim/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

⁶ *Ibid.*

⁷ FERREIRA, Luiz Claudio. Israel, Hamas, Palestina: entenda a guerra no Oriente Médio. **Agência Brasil**, [S. l.], 15 out. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-10/israel-hamas-palestina-entenda-guerra-no-orientes-medio>. Acesso em: 3 mar. 2024.

⁸ CLEMESHA, *op. cit.*

Antes de falar de guerra e de suas repercussões éticas, estéticas, políticas, religiosas e econômicas, convém deixar claro que o conflito em curso é entre Israel e Palestina, e não entre Israel e Hamas. Nesses termos, torna-se imperativo refletir, ainda que de forma breve e concisa, sobre a barbárie das guerras no capitalismo, cujo fim único é manter vivo o imperialismo e, conseqüentemente, a acumulação de capital – eis o que justifica a promoção do genocídio do povo palestino na Faixa de Gaza.

De modo geral, o capitalismo tem sido compreendido como a representação do progresso, da evolução, da modernização e, supostamente, da democracia e da cidadania. Mas, por outro lado, também tem sido visto como emblema da decadência, do pauperismo e da intolerância, da tirania e da barbárie, conforme já mencionamos em outros editoriais. Na verdade, “[...] parece uma fábrica enlouquecida, com a qual se produzem coisas e ilusões, tanto quanto guerras e destruições”.⁹ No mundo inteiro, há comoção e revolta contra a investida genocida de Israel na Faixa de Gaza. Nesse sentido, o brilhante intelectual de esquerda e judeu Noam Chomsky, reconhecido por sua atuação em questões de geopolítica e direitos humanos, considerado um dos maiores intelectuais da esquerda, vem dando declarações contundentes a respeito da situação atual na Palestina. Outros intelectuais e artistas em todo mundo também vêm fazendo protestos contra a investida genocida na Faixa de Gaza, que até agora causou a morte de mais 30 mil civis palestinos, em sua maioria crianças, adolescentes, jovens e idosos. Não é de hoje que Chomsky denuncia o governo de extrema direita de Netanyahu em Tel Aviv. Há muito tempo ele critica o governo israelense e suas tropas por comandarem uma limpeza étnica contra as populações que vivem em territórios palestinos. Em sua opinião, o *apartheid* israelense contra a Palestina é pior do que o da África do Sul. De acordo com o linguista,

[...] a ousadia das ações israelenses é surpreendente. Eles fazem o que querem, sabendo que os EUA os apoiam. Isto é muito pior do que o que aconteceu na África do Sul; não se trata de um esforço para acomodar a população palestina como mão de obra reprimida, trata-se simplesmente de nos livrarmos dela.¹⁰

Esse processo de protestos corrobora o que há muito dizem os movimentos Pró-Palestina – dentro de Israel e mundo afora. Além disso, o que se observa é que a popularidade de Netanyahu cai

⁹ Cf.: **Revista Motrivivência (Editorial)**, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 8, maio/2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p6/33988>. Acesso em: 2 mar. 2024.

¹⁰ FERREIRA, Yuri. Noam Chomsky: Apartheid israelense contra palestina é pior do que a África do Sul. **Revista Fórum**, [S. l.], 11 out. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2023/10/11/noam-chomsky-apartheid-israelense-contra-palestina-pior-do-que-africa-do-sul-145685.html>. Acesso em: 2 mar. 2024

vertiginosamente em Israel, apesar do apoio maciço ao massacre em Gaza, portanto *nem em casa*¹¹ o primeiro-ministro goza de boa reputação, isto é, os críticos continuam a fazer manifestações contra as políticas de extrema-direita colocadas em prática contra os palestinos. Somem-se a tudo isso a pressão e a insatisfação do movimento da população israelense e de parentes sequestrados, no sentido de otimizar as negociações com o Hamas.

Um exemplo disso é a posição do presidente Luís Inácio Lula da Silva, com a qual nos identificamos, ao afirmar que Israel tem que cessar fogo urgentemente, porque se trata de um genocídio, e não mais uma guerra! Nessa mesma direção, a Motrivivência corrobora as posições adotadas pela diplomacia brasileira e pelo Ministério dos Direitos Humanos da Cidadania (MDHC) na abertura da 55ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU, ocorrida no dia 26 de fevereiro de 2024, em Genebra, na Suíça. Em seu discurso, o ministro Silvio Almeida, titular do MDHC, reafirmou o compromisso do Brasil com as políticas de direitos humanos e defendeu a criação de um Estado palestino livre. Além disso, registrou a indignação contra o que acontece em Gaza e reiterou que, em mais de uma oportunidade, o Brasil condenou os ataques perpetrados pelo Hamas e pediu a libertação imediata e incondicional de todos os reféns. Mais ainda, manifestou repúdio contra a flagrante desproporcionalidade no uso da força por parte do governo de Israel, uma espécie de “punição coletiva”, que já ceifou a vida de quase 30 mil palestinos e deslocou mais de 80% da população de Gaza, deixando milhares de civis sem acesso à energia elétrica, à água potável, a alimentos e à assistência humanitária básica, num ambiente de total destruição e de terra arrasada.

O ministro enfatizou que o Conselho dos Direitos Humanos da ONU deve prestigiar a autodeterminação dos povos, a busca pela solução pacífica dos conflitos e se opor de forma veemente a toda forma de neocolonialismo e de *apartheid*.

Assim como o ministro Silvio Almeida, nós da Motrivivência somos favoráveis à existência de dois Estados-nação (Palestina e Israel), com base no respeito mútuo e no convívio pacífico e fraternal no âmbito das relações humanas, sociais, políticas, culturais, religiosas, éticas e estéticas. Essa posição inclui uma clara e necessária solidariedade ao povo Palestino, sobretudo da Faixa de Gaza, além de um imediato cessar-fogo por parte do governo Netanyahu.

Mais uma vez, o projeto editorial da Motrivivência aprova a atuação da diplomacia brasileira na 8ª Cúpula dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac), em Kingstown, capital de São Vicente e Granadinas. No discurso de abertura, o presidente Lula afirmou que o novo

¹¹ SCHEINDLIN, Dahlia. Nem em casa: a popularidade de Netanyahu despencou em Israel, apesar do apoio maciço ao massacre em Gaza. **Revista Carta Capital**, [S. l.], 29 fev. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/nem-em-casa/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

ataque de Israel na Faixa de Gaza promove um genocídio, uma carnificina. O episódio macabro, com requintes de extermínio programado, matou 100 pessoas durante a distribuição de comida aos palestinos famintos. O presidente exortou o secretário-geral da ONU, Antonio Gutierrez, a pedir o fim da guerra contra a Palestina, além de criticar a indiferença da comunidade internacional para com o que acontece em Gaza. Por fim, concluiu:

A tragédia humanitária em Gaza que já matou mais de 30 mil mortos entre eles predominantemente crianças, mulheres e jovens, além dos reféns do Hamas, requer de todos nós a capacidade de dizer um basta para a punição coletiva que o governo de Israel impõe ao povo palestino. O presidente Lula, acentua que as pessoas estão morrendo na fila para obter comida e que a indiferença da comunidade internacional é chocante. Nossa dignidade e humanidade estão em jogo.¹²

Não se trata de ódio contra Israel ou seu povo, mas sim contra este governo genocida. O povo israelense é avesso à ideologia fascista, à extrema direita (também chamada no jargão popular de esquerda como *excremento de direita*), à falta de diálogo, aos preconceitos de Israel. Em linhas gerais, o extremismo de direita é a política mais à direita do espectro político do que a direita-padrão, particularmente em termos de ideologias e tendências ultraconservadoras, autoritárias, nacionalistas extremas, anticomunistas e nativistas. Nesse sentido, a política de extrema-direita inclui o neofascismo, o neonazismo, a Terceira Posição, a direita alternativa, a supremacia branca, o nacionalismo branco e outras ideologias ou organizações ultranacionalistas, chauvinistas, xenófobas, teocráticas, racistas, homofóbicas, transfóbicas ou reacionárias.

Grosso modo, o *modus operandi* dos governos mundo afora tem as seguintes características: construção diuturna de *fake news*; oposição a qualquer avanço social, em diversos setores; objeção ao aumento do salário-mínimo e das aposentadorias; recusa em reduzir ou extinguir a precarização do trabalho; óbices à estatização do patrimônio público e à igualdade de salário entre homens e mulheres; negacionismo científico e ambiental; entre outras. Por fim, no limiar do conservadorismo tosco, insensato e violento, esses governos defendem, de forma radical e desumana, uma pauta de costumes arcaica: são contra o aborto, a identidade de gênero e a sexualidade. Na atualidade, a ultradireita se afina com os fundamentos ideológicos das experiências do neoliberalismo e com o nazifascismo.

A extrema-direita opera a partir da violência e do ódio (de classe, raça, gênero, cultura e geração), profundamente arraigados na globalização, no capitalismo, no fundamentalismo e na própria linguagem. Trata-se de violência sistêmica, como a praticada por Israel contra o povo

¹² ALVES, Renato. Lula sobe tom com Israel, fala em ‘carnificina’ e cobra secretário-geral da ONU. **O Tempo**, [S. l.], 1º mar. 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/governo/lula-sobe-tom-com-israel-fala-em-carnificina-e-cobra-secretario-geral-da-onu-1.3340746>. Acesso em: 3 mar. 2024.

palestino, sob o consentimento cúmplice dos Estados Unidos, que causa consequências muitas vezes catastróficas no funcionamento regular dos sistemas econômico e político, na ordem das contradições do capital. Vale lembrar a importância de compreender as origens da violência objetiva (conflitos, processos de exclusão etc.) e subjetiva não só em sua expressão visível mas também no que não deixam tão aparente, que abrange desde a liberalização da sexualidade e o comunitarismo até a *política do medo* e o terrorismo fundamentalista, de caráter religioso ou ateu.¹³

A *política do medo* pode ser pensada a partir de alguns trechos da bela e profunda letra da música *Medo do medo*,¹⁴ composta pela artista Elaine Guedes, cujos versos afirmam o seguinte:

[...] passamos bom tempo com o medo do fim, com o medo do fim do mundo, com medo da Guerra Fria, com medo do estopim; [...] com medo de Israel [...], com medo do aquecimento total, [...] meu tempo de estiagem, seu tempo glacial. E tudo passa, e o mundo não acaba, uma guerra fria esfria a alma, a dor ameaça e a vida continua, quando esquecemos do medo, podemos ser felizes ou pelo menos não pensamos no fim, se o mundo continua inteiro, não temos medo para ter medo, medo do medo do medo.

A política de extrema-direita pode levar à opressão, à violência política, à assimilação forçada, à limpeza étnica e mesmo ao genocídio contra grupos de pessoas, com base na sua suposta inferioridade ou na pretensa ameaça ao grupo étnico nativo, à nação, ao Estado, à religião nacional, à cultura dominante ou a instituições sociais tradicionais e ultraconservadoras.

Trata-se de um fenômeno complexo e multifacetado, que requer uma análise aprofundada, a fim de expor suas raízes, suas dinâmicas e seus impactos. Existem muitos rótulos para nomear esses movimentos – conservadores, populistas, de direita e outros –, no entanto o termo neofascista parece ser o mais apropriado, se levarmos em conta que tanto suas encarnações modernas quanto o movimento original têm como eixo central o capital financeiro e uma classe média frustrada, raivosa e conservadora do ponto de vista dos valores e da economia. Essa classe média é capaz de se infiltrar nos setores populares, graças às fragilidades da esquerda e das organizações populares. A bem da verdade, as origens dos novos avanços da extrema direita são resultado da ofensiva neoliberal, que agravou a desigualdade social e a pobreza com políticas de austeridade e, ideologicamente, transformou até mesmo o conceito de “sociedade”, bem ao estilo Margaret Thatcher, reduzindo-o a uma mera aglomeração de indivíduos.

Nesse limiar, as políticas neoliberais debilitam a esquerda, porque empobrecem, precarizam, fragmentam e isolam suas bases sociais: os trabalhadores e as trabalhadoras. Simultaneamente,

¹³ ZIZEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.

¹⁴ Cf.: <https://soundcloud.com/elaine-guedes/medo-do-medo-elaine-guedes-masterizada>, Acesso em: 2 mar. 2024.

promovem uma ultrafinanceirização, que, no âmbito das crises cíclicas do capital, não somente tem produzido frequentes colapsos econômicos mas também tem promovido uma acelerada destruição do meio ambiente e ampliado as reduções de direitos trabalhistas, como mecanismo para compensar os prejuízos causados por sua própria irracionalidade. Sendo assim, para sustentar uma sociedade que comporta apenas 1% de super-ricos, o capital financeiro carece de políticas cada vez mais repressivas, precárias, excludentes e austeras. Nesse contexto, o neofascismo não é um efeito colateral do neoliberalismo, mas sim sua fase seguinte, necessária para aprofundar e manter as políticas autoritárias na economia ou no plano dos direitos. Assim, ajuda a reproduzir em escala mundial a *ditadura do capital*, que, segundo o sociólogo Octávio Ianni,¹⁵ consubstancia-se no uso da violência como potência econômica, ideológica e política. Além do mais, há outras semelhanças entre o velho e o novo fascismo. Ambos se caracterizam pelo culto à ação e pela recusa à razão – negacionismo científico, sanitário, climático e outros –, que terminam por alimentar o pensamento e as políticas fascistas. Em contrapartida, nosso papel é pensar e agir de modo anticapitalista e lutar pela destruição da lógica desse sistema, promovendo um modo de produção da vida para além do capital.

Essa posição também é fortalecida pelas ideias e posições da ONU. Assim como por diversos intelectuais e estadistas de esquerda, como Noam Chomsky e o presidente Lula.

No texto *Barbárie em Gaza*,¹⁶ de 2014, Chomsky fez duras críticas a Israel, apontando a trajetória dessa crise, que já dura mais de 70 anos, respaldada pelo apoio bélico dos Estados Unidos, que, na prática, traduz-se no insano bloqueio israelense aos territórios palestinos, pela ocupação de terras por colonos brancos, pelos ataques selvagens do exército de Israel, entre outros crimes humanitários e políticos. Segundo o autor,¹⁷ toda essa situação tende a continuar enquanto Israel tiver apoio de Washington, for tolerado pela Europa e a ONU não mediar o conflito. Tudo isso é motivo de vergonha para nós, enquanto políticos, intelectuais e cidadãos, em todo o mundo.

Até mesmo o Papa Francisco fala com preocupação sobre o extermínio de 30 mil mortos e a ocupação genocida dos territórios palestinos da Faixa de Gaza.

No plano diplomático, as declarações sobre o governo de Israel e o massacre em Gaza proferidas pelo presidente Lula têm apoio da Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (Alba), formada por Antígua e Barbuda, Bolívia, Cuba, Dominica, Granada, Nicarágua, São Cristóvão e Névis, São Vicente e Granadinas e Venezuela, que divulgou uma nota em solidariedade ao posicionamento brasileiro. Além dessas personalidades do mundo político nacional e

¹⁵ IANNI, Octavio. *Ditadura do grande capital*. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

¹⁶ CHOMSKY, Noam. *Barbárie em Gaza*. Tradução de Antonio Martins. **Outras Palavras**, [S. l.], 12 jul. 2014. Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/chomsky-barbarie-em-gaza/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

¹⁷ *Ibid.*

internacional, diversas entidades prestam solidariedade a Lula e denunciam o genocídio de Israel, a exemplo da Vozes Judaicas por Libertação, da Federação Árabe Palestina do Brasil (Fepal), da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), que publicaram nota em defesa das declarações do presidente Lula sobre os crimes de genocídio praticados por Israel.¹⁸

Nessa mesma linha, o coletivo Vozes Judaicas por Libertação elaborou uma nota em defesa do presidente Lula, pelo fato de o chefe do Executivo brasileiro ter comparado o que ocorre na Faixa de Gaza ao Holocausto. As falas do petista abriram uma crise diplomática com o governo israelense. Em relação à fala de Lula, o coletivo é da opinião que a radicalidade das palavras do presidente deve ser seguida por outros chefes de Estado e que seria um gesto diplomático altamente relevante o rompimento de todas as relações entre Brasil e Israel, especialmente as relações militares, que também fortalecem a barbárie em terras brasileiras, com a compra de armas e tecnologias de controle social usadas para atingir a vida do povo negro das periferias e favelas.¹⁹ De acordo com o coletivo, é impossível comparar e hierarquizar genocídios, dado que a “a experiência vivenciada por cada povo afetado é inigualável”. No entanto, “[...] a contradição de o povo judaico ser ora vítima e agora algoz é palpável, tenebrosa e desalentadora. Nesse sentido, Lula externou o que está no imaginário de muitos de nós”. Ao se pronunciar em carta pública, o coletivo afirmou que, “[...] enquanto coletivo de judias e judeus, temos antepassados que foram vítimas do Holocausto nazista, e entendemos que nosso imperativo ético é nos posicionarmos contra o genocídio do povo palestino e contra a utilização da nossa defesa como justificativa”.²⁰

O movimento de solidariedade ao povo palestino e de indignação contra o genocídio provocado pelo exército de Israel é visível nas manifestações de rua das cidades do Brasil e do mundo, com apoio de sindicatos, universidades e diversas outras instituições, tendo à frente juristas, intelectuais, professores e artistas, principalmente após a morte de 100 civis na Faixa de Gaza. De fato, há protestos em todo o mundo exigindo o fim do genocídio em Gaza. No Brasil, há protestos confirmados em São Paulo (SP), Brasília (DF), Fortaleza (CE), Salvador (BA) e Porto Alegre (RS).

¹⁸ XAVIER, Cezar. Centrais Sindicais se unificam em Ato pela Paz na Palestina. **Vermelho**, [S. l.], 14 nov. 2023. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2023/11/14/centrais-sindicais-se-unificam-em-ato-pela-paz-na-palestina/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

¹⁹ COLETIVO de judeus publica nota em apoio às falas de Lula sobre massacre em Gaza. **Brasil de fato**, São Paulo, 20 fev. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/20/coletivo-de-judeus-publica-nota-em-apoio-as-falas-de-lula-sobre-massacre-em-gaza>. Acesso em: 3 mar. 2024.

²⁰ *Ibid.*

Além do Brasil, Argentina, Venezuela, Jamaica, África do Sul, El Salvador, Líbano, Havaí, Marrocos, Espanha, Porto Rico, Malásia, Coreia do Sul, Indonésia, Canadá, Suécia, Estados Unidos e Japão estão entre os países em que haverá mobilizações.

A agenda de protestos se amplia e inclui o Movimento da Juventude Palestina, a Assembleia Internacional dos Povos, a Internacional Progressista, a ALBA Movimentos, o Pan-Africanismo Hoje, a Via Campesina, a Marcha Mundial das Mulheres (América Latina), a Confederação Sindical das Américas e a Liga Internacional de Luta Popular.²¹

Cumprir lembrar que as autoridades de saúde de Gaza disseram que as forças israelenses mataram a tiros mais de 100 palestinos que aguardavam ajuda. Israel, para se esquivar da pecha de genocida, espertamente, imputou a culpa pelas mortes à multidão que cercava os caminhões de ajuda, dizendo que os palestinos foram pisoteados ou atropelados por seus próprios compatriotas.²² Tudo isso para se livrar dos tribunais internacionais, comportamento típico da extrema-direita, com suas mentiras e *fake news*. O que Israel quer é fazer justiça com o sangue do povo palestino; quer transparecer que a guerra é contra o Hamas, e não contra o povo palestino, no único intuito de encurralar e matar milhares de pessoas que lutam diuturnamente pela autodeterminação de seu território, há anos vilipendiado no contexto dessa geopolítica. A esse respeito, o jornalista Breno Altman reforça o nosso sentimento de indignação ao dizer que

É impossível negar o que está acontecendo em Gaza. Se trata de um genocídio, onde está claro quem é o povo agredido, o povo palestino, e quem é o agressor, o Estado de Israel liderado pelo governo sionista de Benjamin Netanyahu. E é mais uma das muitas agressões já promovidas pelos sionistas desde 1948, mas agora muito mais brutal, embora com o mesmo objetivo de reforçar o domínio israelense sobre aquele território.²³

As ações e omissões de Washington acabam servindo de incentivo para que Israel continue uma campanha sangrenta no território palestino, sob pretexto de lutar pelo fim do Hamas. Apesar disso, a administração Biden continua enviando ajuda militar ao exército israelenses e tem pedido ao Congresso americano mais de US\$ 12 bilhões para o Estado de Israel comprar armas.²⁴ Ao invés

²¹ PROTESTOS em todo o mundo neste sábado exigem 'fim do genocídio em Gaza' com cessar-fogo imediato. **Brasil de fato**, São Paulo, 1º mar. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/03/01/protestos-em-todo-o-mundo-neste-sabado-exigem-fim-do-genocidio-em-gaza-com-cessar-fogo-imediato>. Acesso em: 3 mar. 2024.

²² AL ZA'ANOUN, Khadder; SALMAN, Abeer. Muitos civis morreram atropelados por caminhões de ajuda que fugiam dos tiros de Israel, relata jornalista. **CNN Brasil**, [S. l.], 29 fev. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/muitos-civis-morreram-atropelados-por-caminhoes-de-ajuda-que-fugiam-dos-tiros-de-israel-relata-jornalista/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

²³ ALTMAN, Breno. É impossível negar que há um genocídio em Gaza. **Opera Mundi**, [S. l.], 29 fev. 2024. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/permalink/85886>. Acesso em: 3 mar. 2024.

²⁴ MARTINS, Américo. Análise: Ações e omissões dos EUA incentivam violência israelense em Gaza. **CNN Brasil**, [S. l.], 3 mar. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/americo-martins/internacional/analise-acoes-e-omissoes-dos-eua-incentivam-violencia-israelense-em-gaza/>. Acesso em: 3 mar. 2024..

disso, os americanos deveriam exigir a suspensão do bloqueio de água, comida, remédios e ajuda humanitária imposto por Israel à Faixa de Gaza desde o início do conflito.

Nesse sentido, Emmanuel Macron²⁵ afirmou estar indignado com a morte de mais de 100 palestinos abatidos enquanto buscavam ajuda humanitária em Gaza e exigiu apuração acerca do papel dos soldados israelenses no ataque. O presidente da França demonstrou profunda indignação diante das imagens vindas de Gaza, que mostram civis sendo alvos de soldados israelenses. Ele expressou a sua mais forte condenação a esses tiroteios e pediu a apuração da verdade, em nome da justiça e do respeito ao direito internacional. Outro presidente que se pronunciou contra o ataque terrorista de Israel foi Daniel Ortega, da Nicarágua, que processa a Alemanha em Haia por apoio a Israel com base em violações da Convenção sobre Genocídio,²⁶ a exemplo do que fizeram os Estados Unidos ao fornecerem apoio político, financeiro e militar ao país, mesmo sabendo que o equipamento militar seria usado para cometer graves violações do direito internacional.

Tudo isso gera uma tremenda comoção humanitária, pressão internacional e atritos ideológicos nas relações exteriores, principalmente quando sabemos que aproximadamente 100 palestinos famintos foram mortos e outros tantos acabaram feridos ao avançarem sobre caminhões de ajuda humanitária (fuzilados pelo Exército israelense, atropelados pelos motoristas ou pisoteados pelo pânico). E o fato que mais revolta é os Estados Unidos mandarem comida para Gaza pelo ar depois de terem enviado armas a Israel. É como entregar um band-Aid com uma mão e lançar uma granada com a outra. A responsabilidade é do presidente Joe Biden, que está preocupado com a perda do apoio de eleitores democratas críticos aos crimes de guerra promovidos pelo governo Benjamin Netanyahu, portanto optou por lançar migalhas em um território que sofre grave restrição de alimentos, água e medicamentos por conta do bloqueio israelense.²⁷

Militares israelenses admitiram o incidente, dizendo que os soldados se sentiram “intimidados” e por isso atiraram. Depois desse episódio macabro, políticos de 12 países, incluindo o Brasil, assinaram uma carta em que defendem a proibição da venda de armas a Israel, devido aos ataques à Faixa de Gaza. O deputado federal Nilto Tatto (PT-SP), representante brasileiro entre os

²⁵ IRISH, John. Macron exige justiça após mortes de palestinos em Gaza. **CNN Brasil**, [S. l.], 1º mar. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/macron-exige-justica-apos-mortes-de-palestinos-em-gaza/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

²⁶ AGENCE FRANCE-PRESSE. Nicarágua processa a Alemanha em Haia por apoio a Israel e cita violações de Convenção sobre Genocídio. **Carta Capital**, [S. l.], 1º mar. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/nicaragua-processa-a-alemanha-em-haia-por-apoio-a-israel-e-cita-violacoes-de-convencao-sobre-genocidio/>. Acesso em: 3 mar. 2024..

²⁷ SAKAMOTO, Leonardo. EUA jogam migalhas em Gaza pelo ar enquanto mandam armas a Israel por mar. **UOL**, [S. l.], 2 mar. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/11olitico-sakamoto/2024/03/02/eua-jogam-migalhas-em-gaza-pelo-ar-enquanto-madam-armas-a-israel-por-mar.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 3 mar. 2024..

signatários, juntou-se a nomes dos Estados Unidos, do Reino Unido, da Bélgica, do Canadá, da França, da Alemanha, da Espanha, da Turquia, da Austrália, da Holanda e da Irlanda.²⁸

O genocídio praticado em Gaza, segundo o presidente da Colômbia, Gustavo Petro, lembra o Holocausto, como já havia apontado o presidente Lula, mesmo que as potências mundiais não gostem de reconhecer.²⁹ Sob suas ordens, a Colômbia suspendeu a compra de armas de Israel e sugeriu bloquear o fascista Netanyahu política e eticamente no plano internacional, visto que em Israel ele já está desgastado. A atitude foi tomada depois que soldados israelenses dispararam contra palestinos que se reuniam na Cidade de Gaza para receber ajuda humanitária.

Nessa mesma linha de pensamento, depois da Colômbia, Cuba e Bolívia também repudiaram o Holocausto em Gaza (ou Holocausto de Gaza) e afirmaram que os Estados Unidos e a Europa estão apoiando este ataque contra a humanidade. O presidente Evo Morales convocou a população da Bolívia para ir às ruas em solidariedade ao povo palestino. Por conseguinte, para o embaixador da Palestina no Brasil, Ibrahim Alzeben, a situação em Gaza é mais que chacina e genocídio, é pior que o Holocausto.³⁰

É imperativo salientar a capacidade de resiliência e resistência do povo palestino ao longo da história, visível na luta da infância e da juventude, ou seja, uma revolução com pedras e poesias³¹ diante de um inimigo altamente ávido por território e sangue, com humilhações cotidianas, estupros e violência por parte dos colonos brancos (Cisjordânia), racismo e tratamento escravocrata. A luta de resistência dos adultos, articulados com as crianças, muitas delas já mortas de outubro para cá, enfrentou, desde cedo, a agressão colonizadora e foi adquirindo dimensões maiores, sob a forma de greves, rebeliões populares, defesa armada e outras formas de enfrentamento. Todas essas expressões do movimento anticolonialista estiveram sempre presentes nos confrontos de resistência, assim como a forma artística da poesia, utilizada como método de luta e reflexão, baseada na longa, brilhante e sólida posição da cultura árabe. No entanto, agora trata-se de um Holocausto, por isso é crucial instaurar uma luta internacional por uma Palestina livre e contra os países de extrema-direita (Europa, por exemplo), que apoiam ideologias e práticas genocidas na geopolítica do Oriente Médio e querem excluir a Palestina do mapa e da história. É hora, portanto, de o povo israelense destituir o

²⁸ POLÍTICOS de 12 países, inclusive o Brasil, assinam carta contra venda de armas a Israel. **Carta Capital**, [S. l.], 1º mar. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/12politicos-de-12-paises-inclusive-o-brasil-assinam-carta-contravenda-de-armas-a-israel/>. Acesso em: 3 mar. 2024..

²⁹ PETRO cita “genocídio” e suspende compra de armas de Israel. **Poder 360**, Brasília, 1º mar. 2024. Disponível em: [https://www.poder360.com.br/internacional/petro-cita-genocidio-e-suspende-compra-de-armas-de-israel/#:~:text=Presidente%20da%20Col%C3%B4mbia%20diz%20que,\)%20faz%20E2%80%9Clembrar%20o%20Holocausto%20E2%80%9D&text=O%20presidente%20da%20Col%C3%B4mbia%2C%20Gustavo,compra%20de%20armas%20de%20Israel](https://www.poder360.com.br/internacional/petro-cita-genocidio-e-suspende-compra-de-armas-de-israel/#:~:text=Presidente%20da%20Col%C3%B4mbia%20diz%20que,)%20faz%20E2%80%9Clembrar%20o%20Holocausto%20E2%80%9D&text=O%20presidente%20da%20Col%C3%B4mbia%2C%20Gustavo,compra%20de%20armas%20de%20Israel.). Acesso em: 3 mar. 2024.

³⁰ POLÍTICOS..., 2024.

³¹ FAYAD, 2015, p. 16-17.

monstro grande, que pisa forte. A revolução com pedras e poesias, realizada como uma forma de defender o território palestino diuturnamente, é também uma luta de classes, isto é, contra o imperialismo europeu-americano de Israel e o poder letal das forças armadas israelenses.

Como afirmam os versos de Leminski: na luta de classes, todas as armas são boas: pedras, noites e poemas.³² Ao fim e ao cabo, falta esclarecer o que está por trás de tanta demonização do Hamas, segundo o jornalista Pepe Escobar:³³ cogita-se que o Serviço Secreto de Israel, o Mossad, sabia do plano de ataque, mas não fez nada. Um funcionário da inteligência egípcia revelou nesta semana à agência de notícias Associated Press que fez alertas repetidos de que “algo grande” estava sendo planejado pelo Hamas na Faixa de Gaza três dias antes de a operação se consumir.³⁴ Isso posto, também se veicula a hipóteses de que se trata de uma operação financiada, que envolveu a compra de armas no câmbio negro com participação do serviço secreto e da diplomacia de Israel, que sabiam do plano de ataque e não o impediram.

Se tudo isso for de fato verdade, então Israel relaxou a segurança propositalmente, usando o pretexto de contra-atacar para aproveitar a oportunidade e erradicar totalmente os palestinos, sob o argumento de ataque aos terroristas do Hamas. A inteligência americana, no entanto, afirma que oficiais militares e de inteligência de Israel rejeitaram o plano que descobriram, avaliando que seria muito difícil para o Hamas executá-lo. De acordo com o New York Times, as autoridades israelenses obtiveram um documento que descrevia o plano de batalha do Hamas para o ataque terrorista de 7 de outubro mais de um ano antes de o grupo colocá-lo em prática. O relatório, com cerca de 40 páginas, não indicava uma data para o ataque, mas delineava ponto por ponto o tipo de incursão que o Hamas pretendia realizar em território israelense em outubro de 2023, segundo o jornal, que teve acesso ao documento traduzido.

Diante do exposto, ficam ainda muitas hipóteses e questões no ar. Mas não se pode perder de vista que talvez estejamos diante de mais um crime de Israel, que já ceifou a vida de 1,5 mil israelenses e mais de 30 mil palestinos, sem contar os feridos no conflito e as pessoas sequestradas pelo Hamas.

Nesta edição, deixamos a reflexão sobre a luta cotidiana em favor de uma Palestina livre e contra a recorrente e macabra vocação israelense para matar inocentes por meio de um excerto do poema *Quem é você, Israel?*, de Pietro Tierra:

³² Apud FAYAD, 2015, p. 22.

³³ PEPE Escobar explica Gaza e a guerra do Império contra o Sul Global. **YouTube**, Canal TV 247, [S. l.], 19 out. 2023. 1 vídeo (aprox. 157 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QLxm_bEBMwo. Acesso em: 3 mar. 2024.

³⁴ EGITO alertou Israel sobre ataque do Hamas, diz congressista dos EUA. **Veja**, [S. l.], 12 out. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/egito-alertou-israel-sobre-ataque-do-hamas-diz-congressista-dos-eua>. Acesso em: 3 mar. 2024.

[...] não há luz no Hospital Al-Shifa
que permita fazer uma sutura
nos corpos destroçados
pelos bombardeios.
Uma sutura no corpo da Palestina:
haverá uma geração de mutilados
condenados a mirar sem ternura
na dor aguda dessa perna que falta,
na pele que já não protege a carne exposta,
as *digitais de Benjamin Netanyahu* (grifos nossos).

Com base nessas evidências e marcas nazifascistas na história mundial, a Revista Motrivivência se une aos leitores e às leitoras, aos movimentos sociais e às vozes brasileiras e mundiais em favor do imediato *cessar-fogo*; da libertação dos israelenses sequestrados e do fim imediato dos ataques aos palestinos; da ação da ONU e dos países democráticos para que se observem as leis internacionais para a reconstituição da faixa de Gaza e de todo território palestino; do fim do comércio de armas dos Estados Unidos para Israel.

É hora de evitar novos massacres, novos holocaustos. Somos a favor do diálogo e de ações concretas – diplomáticas, humanitárias e políticas – para a construção de um Estado Palestino viável e soberano, com dignidade e autodeterminação territorial, vivendo lado a lado com o Estado de Israel, com fronteiras seguras e mutuamente reconhecidas, como única solução necessária e viável para a humanidade.

Florianópolis, março de 2024.

Maurício Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Pereira
Editores

REFERÊNCIAS

AGENCE FRANCE-PRESSE. Nicarágua processa a Alemanha em Haia por apoio a Israel e cita violações de Convenção sobre Genocídio. **Carta Capital**, [S. l.], 1º mar. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/nicaragua-processa-a-alemanha-em-haia-por-apoio-a-israel-e-cita-violacoes-de-convencao-sobre-genocidio/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

AL ZA'ANOUN, Khadder; SALMAN, Aber. Muitos civis morreram atropelados por caminhões de ajuda que fugiam dos tiros de Israel, relata jornalista. **CNN Brasil**, [S. l.], 29 fev. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/muitos-civis-morreram-atropelados-por-caminhoes-de-ajuda-que-fugiam-dos-tiros-de-israel-relata-jornalista/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

- ALTMAN, Breno. É impossível negar que há um genocídio em Gaza. **Opera Mundi**, [S. l.], 29 fev. 2024. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/permalink/85886>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- ALVES, Renato. Lula sobe tom com Israel, fala em ‘carnificina’ e cobra secretário-geral da ONU. **O Tempo**, [S. l.], 1º mar. 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/governo/lula-sobe-tom-com-israel-fala-em-carnificina-e-cobra-secretario-geral-da-onu-1.3340746>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CHOMSKY, Noam. Barbárie em Gaza. Tradução de Antonio Martins. **Outras Palavras**, [S. l.], 12 jul. 2014. Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/chomsky-barbarie-em-gaza/>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- CLEMESHA, Alene. Al Nakba, uma tragédia sem fim. **Blog Boitempo**, [S. l.], 7 dez. 2023. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2023/12/07/al-nakba-uma-tragedia-sem-fim/>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- COLETIVO de judeus publica nota em apoio às falas de Lula sobre massacre em Gaza. **Brasil de fato**, São Paulo, 20 fev. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/20/coletivo-de-judeus-publica-nota-em-apoio-as-falas-de-lula-sobre-massacre-em-gaza>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- EGITO alertou Israel sobre ataque do Hamas, diz congressista dos EUA. **Veja**, [S. l.], 12 out. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/egito-alertou-israel-sobre-ataque-do-hamas-diz-congressista-dos-eua>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- FAYAD, Yasser Jamil. **Nosso verbo é lutar: somos todos palestinos**. Florianópolis: Open Brasil, 2015.
- FERREIRA, Luiz Claudio. Israel, Hamas, Palestina: entenda a guerra no Oriente Médio. **Agência Brasil**, [S. l.], 15 out. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-10/israel-hamas-palestina-entenda-guerra-no-orientes-medio>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- FERREIRA, Yuri. Noam Chomsky: Apartheid israelense contra palestina é pior do que a África do Sul. **Revista Fórum**, [S. l.], 11 out. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2023/10/11/noam-chomsky-apartheid-israelense-contra-palestina-pior-do-que-africa-do-sul-145685.html>. Acesso em: 2 mar. 2024.
- IANNI, Octavio. **Ditadura do grande capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- IRISH, John. Macron exige justiça após mortes de palestinos em Gaza. **CNN Brasil**, [S. l.], 1º mar. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/macron-exige-justica-apos-mortes-de-palestinos-em-gaza/>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- MARTINS, Américo. Análise: Ações e omissões dos EUA incentivam violência israelense em Gaza. **CNN Brasil**, [S. l.], 3 mar. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/americo-martins/internacional/analise-acoes-e-omissoes-dos-eua-incentivam-violencia-israelense-em-gaza/>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- PEPE Escobar explica Gaza e a guerra do Império contra o Sul Global. **YouTube**, Canal TV 247, [S. l.], 19 out. 2023. 1 vídeo (aprox. 157 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QLxm_bEBMwo. Acesso em: 3 mar. 2024.
- PETRO cita “genocídio” e suspende compra de armas de Israel. **Poder 360**, Brasília, 1º mar. 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/petro-cita-genocidio-e-suspende-compra-de-armas-de-israel/#:~:text=Presidente%20da%20Col%C3%B4mbia%20diz%20que,%20faz%20E2%80%9Clembrar%20o%20Holoocausto%20E2%80%9D&text=O%20presidente%20da%20Col%C3%B4mbia%2C%20Gustavo,compra%20de%20armas%20de%20Israel>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- POLÍTICOS de 12 países, inclusive o Brasil, assinam carta contra venda de armas a Israel. **Carta Capital**, [S. l.], 1º mar. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/politicos-de-12-paises-inclusive-o-brasil-assinam-carta-contra-venda-de-armas-a-israel/>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- PROTESTOS em todo o mundo neste sábado exigem ‘fim do genocídio em Gaza’ com cessar-fogo imediato. **Brasil de fato**, São Paulo, 1º mar. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/03/01/protestos-em-todo-o-mundo-neste-sabado-exigem-fim-do-genocidio-em-gaza-com-cessar-fogo-imediato>. Acesso em: 3 mar. 2024.

SAKAMOTO, Leonardo. EUA jogam migalhas em Gaza pelo ar enquanto mandam armas a Israel por mar. **UOL**, [S. l.], 2 mar. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2024/03/02/eua-jogam-migalhas-em-gaza-pelo-ar-enquanto-mandam-armas-a-israel-por-mar.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 3 mar. 2024.

SCHEINDLIN, Dahlia. Nem em casa: a popularidade de Netanyahu despenca em Israel, apesar do apoio maciço ao massacre em Gaza. **Revista Carta Capital**, [S. l.], 29 fev. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/nem-em-casa/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

TIERRA, Pedro. Gaza (Ou: eles não podem continuar nascendo. **Fundação Perseu Abramo**, São Paulo, 27 fev. 2024. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2024/02/27/gaza-ou-eles-nao-podem-continuar-nascendo/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

XAVIER, Cezar. Centrais Sindicais se unificam em Ato pela Paz na Palestina. **Vermelho**, [S. l.], 14 nov. 2023. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2023/11/14/centrais-sindicais-se-unificam-em-ato-pela-paz-na-palestina/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

ZIZEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.